

MEMÓRIAS DA IMORALIDADE: A HOMOSSEXUALIDADE NA LITERATURA DE ANDRÉ GIDE E OSCAR WILDE SOB OUTRA LUZ

MEMORIES OF IMMORALITY: HOMOSEXUALITY IN THE LITERATURE OF GIDE AND WILDE UNDER ANOTHER LIGHT

Gabriela Maciel Diasⁱ
João Francisco Pereira Nunes Junqueiraⁱⁱ
Rafaela Ribeiro Almada da Silvaⁱⁱⁱ

Resumo: O presente trabalho busca explicitar as nuances de obras permeadas pela temática LGBTQIA+ e fornecer novos olhares sobre romances de alta literatura que sofrem com a negação, censura e rejeição de possuírem qualquer teor do tema. Ao analisar *O Imoralista* de André Gide e *O Retrato de Dorian Gray* de Oscar Wilde, sob vieses científicos e sociais, além de realizar uma leitura sob perspectivas sincrônicas e diacrônicas, pretende-se não apenas prover uma discussão teórico-analítica, mas também levar o produto da análise adiante para um lugar de informação acessível e torná-lo objeto de conscientização sobre todo o pânico que envolveu esta literatura.

Palavras-chave: Literatura Comparada; *O Imoralista*; *O Retrato de Dorian Gray*; André Gide; Oscar Wilde.

Abstract: *The present work seeks to explain the nuances of works permeated by the LGBTQIA+ theme and provide new perspectives on high literature novels that suffer from the denial, censorship, and rejection of having any content on the theme. By analyzing Andre Gide's, The Immoralist and Oscar Wilde's The Picture of Dorian Gray from scientific and social perspectives and carrying out a reading on synchronic and diachronic perspectives, it is intended not only to provide a theoretical-analytical discussion, but also to take the product of the analysis forward to an accessible place of information and to make it an object of awareness about the panic that enveloped this literature.*

Keywords: *Comparative Literature; The Immoralist; The Picture of Dorian Gray; André Gide; Oscar Wilde.*

Submetido em: 26 mai. 2023
Aprovado em: 26 jun. 2023

ⁱ Graduada em Letras (Licenciatura Plena em Português/Inglês) pelo Centro Universitário Teresa D'Ávila (UNIFATEA). E-mail: gmacdias@gmail.com.

ⁱⁱ Doutor em Estudos Literários pela Universidade Estadual "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP – Campus Araraquara). E-mail: jfpnjunqueira@yahoo.com.br.

ⁱⁱⁱ Graduada em Letras (Licenciatura plena em Português/Inglês) pelo Centro Universitário Teresa D'Ávila - UNIFATEA. E-mail: rafat1249@gmail.com.

Introdução

Vivemos em uma sociedade que cerceia corpos LGBTQIA+, mediando julgamentos a partir de suas práticas e, assim, corroborando para a manutenção heteronormativa dos costumes, que são historicamente privilegiados. Este artigo trata de corpos que se apropriam das categorias sexuais de uma forma nova e, assim, as desestabilizam na estrutura social hegemônica. Essa reflexão se dá por meio da leitura sincrônica das obras *O Imoralista* e *O Retrato de Dorian Gray*, de André Gide e Oscar Wilde, respectivamente, que se utilizam do debate acerca do homoerotismo para construir narrativas subversivas em seu contexto histórico repressivo.

Em vista da recepção de obras atravessadas pela temática não heterossexual, refletidas nos presentes de cultura de Wilde e Gide, assim como na contemporaneidade, percebe-se forte influência de uma crítica subjetivista ponderada pelo pensamento preconceituoso, que leva a prerrogativas de censura e perseguição de seus escritores, que se dedicam a tentativa de visibilizar a temática LGBTQIA+. Por isso, este trabalho tem por objetivo: refletir e incorporar novas relações e perspectiva sobre as obras e as temáticas; analisar os escritos à luz dos estudos de Freud; debater sobre a exclusão da comunidade LGBTQIA+, baseado nos escritos selecionados; incentivar a leitura, a análise e a pesquisa sobre diferentes perspectivas.

Este artigo busca a inserção de debates efetivos de obras com cunho homoerótico no meio acadêmico, de modo a superar o apagamento de produções que abordem a diferença sexual, assim como evidenciar a importância delas para autores posteriores a Gide e Wilde. Além disso, o estímulo à leitura de suas obras em ambiente acadêmico, bem como a expansão do debate acerca delas, permite o enfrentamento do preconceito no Ensino de Literatura em todos os seus níveis, normalizando o seu conteúdo em ambientes culturalmente privilegiados.

A homossexualidade em Freud

O presente estudo utiliza-se dos conceitos e teorias de Freud com a finalidade de analisar a visão social de que a homossexualidade estaria ligada à perversão. Sendo assim, serão expostos os conceitos desde a infância até a fase adulta.

De acordo com Freud, existem cinco fases do desenvolvimento psicosssexual, sendo eles, fase oral, que ocorre do nascimento até os dois anos de vida, e o desenvolvimento da criança está concentrado na boca; fase anal, ocorre aproximadamente entre dois e quatro anos, nesse momento a criança começa a desenvolver uma certa obsessão para a região anal;

fase fálica, dos quatro aos cinco anos, aqui ocorre a descoberta do órgão genital, e é nesse momento também que ocorre o complexo de Édipo; o período de latência ocorre dos cinco aos doze anos, e é a fase em que os desejos sexuais ficam no inconsciente; e por último, a fase genital, que ocorre da puberdade até a vida adulta. Nesse período as atenções estão voltadas para os órgãos sexuais, mas dessa vez direcionadas para as relações amorosas. Explica-se Freud, que nesses processos, as crianças buscam em cada fase, através das determinadas zonas erógenas, uma fonte de prazer, se esse processo evoluir com êxito, o adulto terá um desenvolvimento saudável, porém, se fracassar, a criança pode gerar algum tipo de fixação. “Já em 1896, enfatizei o significado dos anos de infância para o surgimento de fenômenos importantes ligados à vida sexual” (Freud, 2016, p. 77-78).

Durante as fases, pode-se destacar uma em específico, a fase fálica, na qual ocorre o Complexo de Édipo, determinando o momento em que o filho passa a ver o pai como um rival na busca pelo afeto da mãe, sua fixação, e ao mesmo tempo é tomado pela repulsa da figura paterna, o que causa a ansiedade de castração. Vale ressaltar que reprimir o Complexo de Édipo é uma das primeiras tarefas do “Super Ego”. Segundo Freud (2016, p. 149), “Cada novo ser humano enfrenta a tarefa de lidar com o Complexo de Édipo; quem não consegue fazê-lo, sucumbe à neurose”. Ao fim desta fase, quando há uma repulsa a essa pela figura materna, ocorre uma ligação ao feminino intrínseco de cada ser humano – apesar do seu repúdio à figura feminina que remeta sua antiga idolatria, a mãe -, o que gera no indivíduo a busca por seu ideal feminino em seus semelhantes - identificação reflexiva e adoração pela imagem símil, mas reconhecendo feminino almejado no outro - o que Freud chama de *inversão*.

Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, o neurologista apresenta a sexualidade além do ato sexual, mas também como uma forma de afeto, desvinculando a homossexualidade da categoria das perversões, tornando-a tão legítima quanto à heterossexualidade. Diz:

O conhecimento obtido em casos considerados anormais nos diz que neles há apenas, entre instinto sexual e objeto sexual, uma soldagem, que arriscamos não enxergar devido à uniformidade da configuração normal, em que o instinto parece já trazer consigo o objeto. Assim, somos levados a afrouxar a ligação entre instinto e objeto que há em nossos pensamentos. (Freud, 2016, p. 38).

Para Freud (2016, p.59), todos os desejos, escolhas e pensamentos são frutos de lembranças da infância, isso é explicado nos tipos neuróticos de adoecimento. A neurose é a

consequência da repressão dos desejos infantis, que posteriormente se manifestarão em forma de algum sintoma, de forma que, segundo Freud, “o impedimento tem efeito patogênico, pois repressa a libido e, assim, submete o indivíduo a uma prova de quanto tempo pode tolerar esse aumento de tensão psíquica, e que caminho irá tomar para se livrar dele” (Freud, 2020, p.72)

Esse impedimento, quando real e duradouro, pode levar o indivíduo a concentrar essa energia em outros espaços: no mundo exterior ou em metas não eróticas - pois há uma renúncia -, fatores estes antes ineficientes para saciar o desejo, moralizando o indivíduo. Além disso, pode-se levar ao adoecimento do ser, graças às “dificuldades internas insuperáveis” na adequação e no cumprimento das exigências de sua estrutura social. Vale ressaltar que cada tipo de neurose possui um diferente conjunto de sintomas. Os tipos de neurose são classificados como: histérica, obsessiva, atuais, neurastenia, angústia (pânico) e hipocondria. Em relação à homossexualidade, refere-se ao tipo de neurose atual, que diz respeito à vida sexual adulta, indo muito além do ato sexual, mas também do afeto, desejos e realização, o que Freud definiria como pulsão, que é adquirida através do ganho de experiência em vida, ou seja, não é somente por desejos reprimidos durante a infância. Sendo assim, para a psicanálise, não existe apenas uma única maneira de expressar a sexualidade humana. Para Freud,

[...] boa parte das críticas a essas minhas teses se explica, provavelmente, pelo fato de a sexualidade, à qual relaciono os sintomas psiconeuróticos, ser identificada com o instinto sexual normal. Mas a psicanálise vai além. Ela mostra que os sintomas não nascem apenas à custa do assim chamado instinto sexual *normal* (ao menos não exclusivamente ou predominantemente), que representam, isto sim, a expressão convertida de instintos que poderíamos denominar *perversos* (no sentido mais amplo), se pudessem manifestar-se diretamente em fantasias e atos, sem serem desviados da consciência. (Freud, 2016, p. 63).

Sobre as pulsões, Freud relata que a ela vive no inconsciente do ser humano e está ligada a necessidade e a busca pelo prazer, tendo uma fonte e um propósito. Pode ser dividida em dois tipos: pulsão de vida e pulsão de morte. Entende-se como pulsão de vida aquela em que o ser humano vive em uma busca inconsciente pelo prazer, não necessariamente sexual, mas sim, por tudo aquilo que o motiva e que traz felicidade. Essa pulsão possui uma fonte de energia, que no caso seria a libido, ou seja, a energia empregada pela libido gera no ser humano o seu anseio pela vida, representada pelo deus Eros. Já a pulsão de morte, é aquela que está em busca do isolamento, do medo, das tristezas, e a falta de vontade de viver, sendo representada pelo deus da morte Tântatos. Diferente das pulsões de vida, essa não possui uma

energia em específico. Para Freud, as pulsões vivem juntas em constante conflito, e boa parte das escolhas é fruto de uma combinação entre ambas.

Binarismo sexual e as sensações contrárias

Em 1870, o texto intitulado *As Sensações Sexuais Contrárias*, de Carl Westphal, psiquiatra alemão, definiu a homossexualidade em termos psiquiátricos como um desvio sexual, uma inversão do masculino e do feminino. Em seu contexto histórico, marcado por perseguições a indivíduos LGBTQIA+, leis proibiam as relações entre pessoas do mesmo sexo em diversas sociedades, ao mesmo tempo em que estudiosos, intelectuais e artistas buscavam configurar uma identidade ou forma de pensamento emergente sobre a diferença sexual. Entretanto, houve forte construção científica para patologizar as formas de sexualidade não heterossexuais, categorizando a prática da homossexualidade como repulsiva e perigosa aos parâmetros e costumes socialmente vigentes. Além disso, sua patologização colaborou para a manutenção do preconceito e ações repressoras contra produções intelectuais favoráveis à liberdade sexual de grupos LGBTQIA+.

O mundo moderno, estabelecido por normas culturalmente condicionantes, sufoca corpos cada vez mais marcados por heterogeneidades na maneira como se reconhecem. A sexualidade humana não é diferente, pois se manifesta através de padrões culturais historicamente construídos. Entretanto, a norma que mantém as concepções de conduta de gênero corresponde àquela que, socialmente estabelecida, realiza uma ligação entre sexo biológico, identidade de gênero e a expressão de ambos na manifestação do desejo sexual (Pombo, 2017). O binarismo sexual reflete a condição dada às sexualidades enquanto legítimas ou ilegítimas: a chamada “estrutura binária”. Ela é mediada pela configuração social e política a que um grupo sexualmente majoritário ocupa, isto é, o heterossexual. Historicamente, intercedido pelas instituições, ele tem sido o grupo majoritário que define como legítimas as acepções de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Por isso, a heterossexualização do desejo é, também, uma forma de discriminação e opressão advindas de sua categoria hegemônica.

De acordo com Freud (apud Pombo, 2017), a representação da diferença sexual se estabelece binariamente. Por isso, certas subjetividades, sexualidades e corpos acabam por serem excluídos do campo da inteligibilidade, afetando o modo como são tratados na cultura e na clínica. Foi Freud (apud Pombo, 2017), no entanto, que esclareceu que a homossexualidade

é uma disposição inata ou natural, isto é, biológica, ou então uma cultura, a concebendo como uma escolha psíquica inconsciente.

Conforme Foucault (apud Pombo, 2017), a leitura de mundo a partir do binarismo sexual é um entre outros possíveis para a compreensão das formas de subjetivação do corpo e seus desejos. Segundo ele, dialogar com a repressão do sexo e as formas de poder que o fazem reprimido é, ao mesmo tempo, contrariar uma tese bem aceita, assim como ir de encontro a toda a economia e todos os interesses discursivos que a sustentam.

Para Preciado:

O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou tachados. A (hetero)sexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve re-inscrever-se ou re-instituir-se através de operações constantes de repetição e de re-citação dos códigos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais. (Preciado, 2015, p. 26).

Como visto anteriormente, as relações entre o binarismo sexual e a estrutura de vida de uma sociedade convergem à medida que as formas de repressão à normalização se desenvolvem por meio de preconceitos, estigmas e intolerâncias sobre indivíduos não heterossexuais, colocando corpos LGBTQIA+ à margem das estruturas sociais de maneira violenta.

Literatura sob olhar sincrônico

Ao tratar-se de escolha de obras para análise, Leyla Perrone-Moisés traz reflexões interessantes e que ilustram bem a razão da eleição das obras a serem observadas. Em *Altas Literaturas*, a autora expõe e analisa que o processo que leva estudiosos a escolherem obras anteriores ao período no qual estão inseridos parte, muitas vezes, da decisão de estabelecer os próprios princípios e valores para desenvolver, paralelamente às obras existentes, extensões de tipo teórico e crítico (Perrone-Moisés, 2009).

Neste caso, assim como exposto por Perrone-Moisés, um primeiro julgamento foi feito, tornando *O Imoralista* e *O Retrato de Dorian Gray* obras necessárias de retornarem à luz da análise para serem observadas sem censuras, moralismos e com novas abordagens.

Ao escolher falar de determinados escritores, os críticos efetuam um primeiro julgamento. Assim fazendo, cada um deles estabelece sua própria tradição e, de certa maneira,

ressignificam a tradição literária. Os índices dos livros críticos assinados por escritores nos fornecem os mapas de seus percursos históricos, as vias de suas revisões do passado (Perrone-Moisés, 2009).

Toda literatura produzida está sujeita à crítica, uma vez que cada leitor possui suas próprias visões influenciadas ou não pelo que conhece das obras. A rejeição às temáticas abordadas na obra francesa *O Imoralista* e na irlandesa *O Retrato de Dorian Gray* é resultado de costumes ainda presentes atualmente.

Perrone Moisés fala, em *Falência da Crítica* (1973), que o subjetivismo do crítico – com seus sistemas de valores já estabelecidos a partir de suas diversas vivências e estudos – distorce a visão do texto analisado, moralizando a obra que, por sua vez, perde sua autonomia literária. Logo, um bom crítico deve trazer às claras e ressignificar uma escritura, sendo essa sua principal função.

Sua análise caminha ao encontro dos estudos de Haroldo de Campos, que, em “O Samurai e o Kakemono” (1977), utiliza a fala de Ezra Pound para exemplificar o conceito esclarecido por Perrone: “Conhece-se a qualidade de um crítico não por seus argumentos, mas por sua escolha” (Pound apud Campos, 1977, p. 218). Essa afirmativa reintegra que uma obra deve ser ressignificada, revisada e reavaliada a partir do estudo sincrônico, isto é, com base no que se é relevante ao seu tempo, servindo de parâmetro, sem deixar de lado sua linha diacrônica, dando ao texto uma nova perspectiva e atitudes de leitura sem a perda da empatia histórica para com a obra – ressignificando seu significante para além do significado (Campos, 1977).

O estudo sincrônico caminha concomitantemente ao diacrônico, uma vez que o primeiro depende do ponto de vista do segundo, intercalando o presente de criação da obra com o presente de cultura da análise, a fim de acrescentar novos panoramas ao texto observado.

O Retrato de Dorian Gray: a obra venenosa de Oscar Wilde

Oscar Wilde - poeta, romancista, dramaturgo e crítico literário - nascido em 16 de outubro de 1850, em Dublin, Irlanda, concebeu uma das obras mais venenosas da modernidade. *O Retrato de Dorian Gray* não só condena a sanidade de seus leitores, como condenou seu criador à aversão popular na época de seu lançamento.

Publicado, inicialmente, em junho de 1890, nos Estados Unidos e na Inglaterra vitoriana, pela Lippincott's, trata-se de um romance com teor fantástico, no qual um jovem

rapaz troca sua essência interna com seu retrato, conservando sua juventude enquanto o quadro registra as marcas de seus pecados e de suas primaveras.

Inspirado nos mitos de Fausto e Narciso – histórias de origem alemã e grega, respectivamente -, Wilde trata sobre a relação entre realização e consequências dos desejos humanos, assim como o amor demais à própria imagem pode levar o indivíduo à ruína. A partir dessa premissa, a obra trata sobre duplas identidades – Dorian noturno, com seus crimes refletidos no verniz de seu retrato amaldiçoado, e o Dorian diurno, belo, jovem e respeitado -, amizades masculinas com teor dúbio, um misterioso pacto, a relação da juventude e velhice e o paradoxo entre maldade e bondade. O livro, portanto, é um complexo estudo sobre a moral, o espiritual e o mental de seu protagonista.

A palavra *dorian* vem do grego e representa o ideal dórico, clássico e perfeito, enquanto *gray* traz a imprecisão e ambiguidade da personagem ao seu nome. Além da obra de arte ser o próprio protagonista, o menino ingênuo e vaidoso apresentado nas primeiras páginas se difere do corrompido indivíduo desenvolvido na segunda parte do romance.

Qual o preço que estaríamos dispostos a pagar pela imortalidade física e pela exploração sensorial? Qual o limite entre a amizade entre amigos, amantes e desagradados? A busca constante pelo prazer pode ser superior à corrupção da consciência? – Essas são questões abordadas pelo autor em sua obra e que escandalizaram uma sociedade acostumada a condenar o comportamento de seus iguais, moralizando publicamente as mais diversas ações e ignorando o que podia ser ocultado.

Wilde durante muito tempo veio a público defender sua obra, refletindo diversas vezes sobre o limite da análise crítica e da condenação moral, por meio de respostas diretas aos ataques que recebia de jornais, revistas e críticos. O escritor assumiu um compromisso estético e pessoal, trazendo à tona os vícios e degenerações da sociedade em que vivera, representando, vividamente, um temor além da concepção homoerótica.

O Retrato de Dorian Gray foi republicado com alterações no formato de livro em 1891, pela editora Ward, Lock and Co., após diversas exigências e modificações por parte do editor inglês George Lock. É importante atentar-se que essas mudanças se somaram às mudanças já realizadas na primeira publicação do manuscrito original – base para este estudo. Dentre algumas mudanças realizadas temos: atenuação entre a intimidade física das personagens masculinas, um destaque maior a Sibyl Vane e sua relação heterossexual com Dorian, além do fascínio físico e erótico de Basil ser alterado para uma admiração artística, platônica e idealizada. As alterações trouxeram resultados à recepção do livro, agora com resenhas mais brandas. Porém, a perspectiva moral do romance, baseada nas percepções

sociais do final do século XIX, deu margem à crise moral instaurada contra Wilde, principalmente pelo conteúdo homoerótico da obra.

Apesar de casado, Oscar Wilde mantinha relações sexual-afetivas com Lorde Alfred Douglas, sendo o pai do jovem um grande problema para ambos. O marquês de Queensberry se recusava a ter seus filhos associados à homossexualidade e atacou publicamente Wilde, que o processou. Esse sendo, provavelmente, o maior erro do escritor.

Oscar Wilde perdeu o processo contra o marquês, dando margem para que a Coroa o processasse sob o crime de ser homossexual, resultando, mais tarde, em dois anos de prisão e trabalhos forçados.

Durante seu julgamento, os advogados utilizaram seu romance, que se torna, posteriormente, protagonista do julgamento, para tornar claras as marcas homossexuais latentes inscritas na obra, associando-as ao autor. As reescrituras da obra também foram apontadas como forma de ocultar o “comportamento sodomita” de Wilde, enquanto este argumentava sobre o caráter e visão estética que buscou empregar no texto.

Wilde fora punido para expurgar os pecados e crimes de sua sociedade, servindo de mártir à hipocrisia vitoriana. A imprensa, sempre muito incisiva para com o escritor, moldou sua imagem, com o apoio popular, a de um *poser* irlandês afeminado e sodomita, que influenciava os jovens britânicos, facilitando sua condenação e prisão, em 1885.

Wilde nunca se recuperou física, psicológica e socialmente dos escândalos de sua vida, e, após deixar a prisão, passou curtas temporadas em Berneval, norte francês, e em Nápoles, Itália, se estabelecendo fixamente em Paris, até os fins de seus dias, em 30 de novembro de 1900, vivendo do auxílio de amigos e apoiadores, apesar das péssimas condições.

Além de *O Retrato de Dorian Gray*, Oscar Wilde escreveu diversos poemas, contos, histórias infantis, peças de teatros, ensaios e trabalhou como editor da revista feminina *The Woman's World*.

Os experimentos de André Gide: *O Imoralista e Córdon*

Tendo alguns amigos que o apoiaram e influenciaram durante suas composições, talvez o mais importante tenha sido Oscar Wilde. A personalidade que tanto assustava e fascinava o francês, ao ponto de ter escrito um relato da viagem de ambos e do poeta Lorde Alfred Douglas a Argélia (*Os Meus Oscar Wilde*, 1910), por ser a personificação do ideal buscado por Gide: a honestidade intelectual; ideal esse que o fez assumir sua homossexualidade.

O Imoralista é a obra mais conhecida de Andre Gide, e talvez a mais irreverente. Trata da história de Michel que, ao se recuperar de uma grave doença, passa a analisar a própria vida sob uma nova perspectiva extremamente radical. Sua profissão, seus ideais e, o mais importante, sua sexualidade.

O desespero pelo "aproveitar a vida" após a doença faz surgir grandes questionamentos acerca do "ser"; Michel se pergunta se ele sabe quem realmente é ao perceber seus antigos passatempos se esvaindo, citando até mesmo como sua erudição, fruto da educação deixada pelo pai, torna-se um estorvo por não conseguir enxergá-la e aproveitá-la da mesma maneira que antes; além do modo físico como o personagem se reconhecia alterar-se de maneira drástica: o ato do protagonista tirar a barba e associá-la à queda de uma máscara pode ser interpretado como sua desconexão com a masculinidade e seu abandono (Gide, 1966, p. 51).

A relação personagem *versus* mundo permeia a descoberta de Michel enquanto ele mesmo e seu entendimento da própria sexualidade. Em primeiro plano, tem-se a problemática de seu casamento, com Marceline, pressionado pelo pai à beira da morte. Apesar de enxergá-la como digna de atenção, não a considera objeto de afeto, citando-a como um estorvo. Em segundo lugar, vêm as considerações acerca dos homens que cruzam o caminho de Michel. O primeiro é Bachir, garoto árabe, o qual o protagonista parece mostrar grande interesse. A partir dele um ciclo se inicia: o de observar atentamente e fazer apontamentos sobre a beleza de todos os homens que encontra, com isso o protagonista parece muitas vezes enxergar nos rapazes algo que ele gostaria de ser, o ideal de aproveitar a vida; por isso é possível notar que seu interesse é focado nos garotos marginalizados. Estes, que cruzam seu caminho principalmente em Túnis, vivem livres das amarras morais contra as quais Michel constantemente luta para libertar-se. Além disso, este hábito de analisar atentamente os homens é sempre mantido em segredo da esposa, a fim de evitar indisposição e mantê-la confortável durante a viagem que faziam.

A angústia por viver uma vida monótona e regada pelas morais da sociedade é algo que persegue o personagem principal até o fim do romance; ao conhecer Ménalque, ambos os personagens entram em acordo sobre odiarem o que chamam de "homens de princípio", normativos graças a uma série de costumes, como apontado no trecho:

- São - continuou Menalco num sorriso - o que há de mais detestáveis neste mundo. Não devemos esperar deles nenhuma espécie de sinceridade; porque ou fazem somente o que seus princípios decretaram que podem fazer, ou consideram o que fazem como mal-feito. (Gide, 1966, p. 145)

Seriam aqueles que vivem de acordo com as morais estabelecidas como norma, causando em ambos um sufocamento por sentirem-se à margem daquela estrutura social; este conflito era o mesmo que o autor possuía com a sociedade francesa de sua época e que ele explicita em sua outra obra *Córidon* (Gide, 1985).

A série de ensaios, ou diálogos como são chamados por Gide, trazem à luz o que o autor buscou apresentar nas sombras em *O Imoralista*. O personagem Córidon aceita dialogar com um velho amigo a respeito da homossexualidade. Nos ensaios, Córidon rompe com o estigma de que só se chega à homossexualidade através da libertinagem e ainda afirma que não se encaixa nas atribuições de enfermo e degenerado, uma vez que ao analisar a homossexualidade em outras espécies, em suas palavras “como naturalista” (Gide, 1985, p.35), esta é natural já que a única coisa que ele julga não ser natural é a obra de arte. Mais adiante Córidon faz mais considerações acerca da naturalidade dos homossexuais; segundo ele, “contra a natureza” não cabe para descrevê-los, mas sim “contra os costumes”, pois a rejeição com a qual a sociedade trata a homossexualidade não vem da ideia de natural, mas sim de costumes (Gide, 1985, p. 37).

Em suma, ao abordar sem falso puritanismo um tema que, anteriormente, André Gide havia trazido de forma mascarada em *O Imoralista*, tem-se em *Córidon* uma das primeiras representações da homossexualidade sob análise sociológica, científica e literária. Sem o propósito de escandalizar, ele traz ambos os livros como forma de analisar honestamente, nos ensaios, uma realidade que data da antiguidade e, no romance, retira-a da marginalidade para colocá-la em um lugar tão natural quanto qualquer história de romance.

A imoralidade e o entendimento dos seres reprimido e repressor: uma análise

As ideias de subversão à sexualidade e comportamento vigentes, trazidas na manifestação não heterossexual da literatura de André Gide e Oscar Wilde, compreendem que sexualidade e poder precisam coexistir num horizonte de disrupção sobre determinado pensamento hegemônico. Partido, assim, do desvelamento da heterogeneidade do corpo por meio da sexualidade, os autores constroem a diferença sexual como forma de salientar um grupo emergente no debate intelectual e que escandaliza com o pensamento conservador e repressor, característico do contexto histórico de suas sociedades. Em vista disso, suas obras *O Imoralista* e *O Retrato de Dorian Gray* foram atravessadas por um extenso processo de

censura, bem como os autores apenados e perseguidos, dado a repressão ao pensamento sobre a sexualidade.

A recepção crítica, mediada pela moralidade literária, foi extremamente subjetivista, distorcendo a visão das obras e culminando numa relativização de ambos os autores para o público. A moralidade literária fere a autonomia das obras, pois uma crítica subjetiva distorce a visão narrativa, relativizando seu conteúdo artístico e tornando-o tendencioso aos interesses daqueles que a julgaram como inadequada.

O pânico moral, baseado na teoria de Stanley Cohen (apud Machado, 1987) culminado a partir das publicações das obras de Gide e Wilde, foi atrelado a um apelo à proteção de valores de suas comunidades, e justificado pelo preconceito interdito pela moralidade e normas vigentes sobre condutas de sexualidade daquela estrutura social. A associação da homossexualidade a um problema de segurança pública e, ao mesmo tempo, uma inadequação passível à condenação em esfera popular, decorreu a um estado de pânico moral e ao apelo a perseguição de indivíduos desviantes aos costumes heteronormativos daquele período. Desse modo, compreende-se que a crítica de moralidade literária culminou na disseminação da ideia de que as manifestações não heterossexuais eram um fenômeno infeccioso para qualidade de vida e para a estrutura social hegemônica.

A conduta intolerante sobre os homossexuais colocou esses indivíduos, incluindo Wilde e Gide, num estado de marginalidade e perseguição mediante a estigmatização deles como predadores, pederastas, enfermos e mórbidos. A partir dos preconceitos criados pelo estado de histeria e pânico, violências a esse grupo foram comumente justificadas pela defesa abstrata de uma proteção a indivíduos considerados vulneráveis, como mulheres e crianças.

Dessa maneira, os estilos literários a que Gide e Wilde correspondem e suas correntes estéticas contribuíram para a expansão do pensamento acerca da sexualidade, pois eles trazem à tona implicações sobre a adversidade do desejo e a realização dele enquanto forma fundamental para alcançar a experiência completa do corpo em estruturas sociais baseadas na repressão e manipulação das vontades humanas.

O Naturalismo enquanto corrente estética ressaltava a necessidade da observação objetiva da realidade e as preocupações socioculturais, acentuando, contudo, os seus pressupostos ideológicos e científicos. Esta era, majoritariamente, a estética na qual Gide se encontrava em *O Imoralista*; uma visão clara e objetiva da relação do personagem com o mundo, suas angústias e seus pensamentos discorridos de maneira sucinta, fornecendo uma explicação quase objetiva para o mais complexo dos sentimentos, fornecendo, por meio da obra *Córidon*, parâmetros a se analisar um comportamento.

O Decadentismo, estética na qual Wilde está inserido, rompe com a estética Naturalista, seguida por Gide, ao dar vida a um novo código simbólico, por meio de sinalizações e estruturas próprias do real. Oscar Wilde torna-se um de seus representantes, trazendo o egotismo, o dandismo, a androginia, a artificialidade e o hedonismo à literatura, a qual defendia sua supremacia sobre as outras artes, de acordo com o ensaio *Mr. Whistler's Ten o'Clock* (1885), por ser capaz de utilizar-se de todas as experiências, ao invés de apenas uma fração delas.

As obras também trazem constantes menções às repressões, às neuroses e à moralidade que elas implicam nas personagens. Pois, ao reprimirem seus desejos e instintos mais primitivos, causam diversos impedimentos internos que os afetarão, internamente, das mais diversas formas.

Em *O Retrato de Dorian Gray*, diversas vezes o afeto masculino na obra é deixado à interpretação do leitor ou, em outros casos, explicitada. Apesar de não ser aconselhável, em literatura, traçar proximidades entre ficção e biografia, neste caso o paralelo torna-se importante para entendermos o contexto de inserção da obra, suas diversas camadas e referências – aproximando arte e vida. Em 1894, o autor escreve a Ralph Payne descrevendo sua relação com as três protagonistas de sua obra: “Basil Wallward é o que penso que sou; lorde Henry é o que o mundo pensa que eu sou; já Dorian Gray é o que teria gostado de ser – em outras eras, talvez” (Wilde, 2021, p. 15).

Lorde Henry, durante o romance, dará sua versão sobre repressão e neurose, o que nos permite traçar um paralelo direto de estudo e de interpretação da obra à luz de Freud, dizendo que:

[...] creio que, se um homem vivesse a vida intensamente, por completo, se dessa forma a cada emoção, expressasse cada pensamento, realizasse cada sonho, creio que o mundo ganharia tão renovador impulso de alegria que esqueceríamos todos os males do medievalismo e retornaríamos aos ideais helênicos [...]. Porém, o mais valente entre nós teme a si mesmo. [...] Somos punidos por nossas recusas, cada impulso que lutamos para sufocar aninha-se na mente e nos envenena. [...] A única maneira de se livrar da tentação é ceder a ela; resista e sua alma adoecerá com o anseio que lhe foi proibido, com o desejo daquilo que leis monstruosas tornaram monstruosos e ilícitos. (Wilde, 2021, p. 44).

Esse trecho deixa claro que as diversas repressões e moralizações do homem o adoecem internamente. A infelicidade por não realizar seus desejos ou o remorso de conviver com a culpa são constantes a todos os indivíduos que tentam cumprir com as imposições

sociais pré-estabelecidas. Os anseios apresentados na obra referenciam a homocultura, que apresenta diversas outras marcas durante o escrito, como:

Ficamos próximos demais, quase nos tocamos, nossos olhos reencontraram-se. Foi imprudente de minha parte, mas pedi que lady Brandon nos apresentasse. Talvez não tenha sido tão impudente, afinal, foi apenas inevitável. Dorian me confirmou mais tarde, pois também sentiu que estávamos destinados a nos conhecer. (Wilde, 2021, p. 33).

Este fragmento é apenas uma parte da narração de Basil sobre seu primeiro encontro com Dorian, deixando claro que seu espírito e arte foram arrebatados pelo jovem rapaz, explicitando seu desejo e amor a Dorian, fortemente reprimidos durante o romance, levando Basil a uma constante sensação de culpa – repressão freudiana, numa tentativa falha de moralização interna perante os estigmas sociais estabelecidos. Outros trechos trazem sugestões cada vez mais explícitas do tema abordado, a exemplo de:

Era verdade que, ao observar a vida em seu estranho caldeirão de dor e prazer, não era possível vestir a máscara de vidro, ou impedir que os vapores sulfúricos abalasses o cérebro e tornassem a imaginação turva com fantasias monstruosas e sonhos disformes. Havia venenos tão sutis que, para conhecer suas propriedades, era necessário permitir-se adoecer. Havia enfermidades tão estranhas que era necessário experimentá-las. [...] Porém, como era intensa a recompensa! Quão maravilhoso o mundo se tornava! [...] Havia deleite nisso! Que importava o custo? Não havia preço alto demais para nenhuma sensação. (Wilde, 2021, p. 71).

Além de Basil, a relação entre Dorian, lorde Henry e diversas outras personagens no romance se mostram extremamente dúbias, como o tenebroso segredo entre Gray e Alan Campbell.

Outras passagens que clareiam a temática homoerótica da obra são os parágrafos no qual Basil confessa seu amor a Dorian, que imagina que o amigo já descobrira seu segredo sobre o quadro. Frases como “É verdade que o tenho idolatrado com um sentimento muito mais romântico do que um homem jamais deve oferecer a um amigo” (Wilde, 2021, p. 116), “Admito que experimentei uma louca, extravagante e absurda adoração por você” (p. 116), “Eu o queria apenas para mim” (p. 116) e “Havia amor em cada traço, paixão em cada pincelada” (p. 117), ultrapassam os limites estabelecidos, pela sociedade vitoriana, da relação entre dois homens, deixando às claras a carga homoafetiva da relação entre ambos.

Porém, pequenas e diversas referências ao tema são deixadas constantemente na obra, como a menção ao tom verde-oliva, associado frequentemente à homossexualidade; a grafia

da palavra *Marlowe*, escritor inglês conhecido por manter relações homossexuais, em vez de *Marlow*; referências a região de Trouville, conhecida pelo seu turismo sexual, principalmente masculino; a valorização do termo “afeição” para se referir a relações heterossexuais, não subvertendo o sentido semântico empreendido a palavras como “amigo”, indicador de relações homoafetivas; e a referência ao famoso verso do poema “Dois Amores”, de lord Alfred Douglas, “Eu sou o Amor que não ousa dizer o nome” (Wilde, 2021, p. 123). Fragmento esse explicado por Wilde, em seu julgamento, como um grande afeto nutrido entre um homem mais velho e um rapaz jovem.

Concomitante a isso, a consciência da beleza juvenil e sua apreciação por parte de Dorian e da sociedade, refletem no protagonista a feminilidade que precisa ser adorada e idolatrada, sendo sinônimo do verdadeiro amor romântico, como explica Freud em sua teoria sobre o narcisismo. A sociedade, incluindo o protagonista, concorda que a figura dórica representada pelo jovem é esse reflexo Belo a ser alcançado e almejado, explicando sua adoração à sua pintura no início da obra.

Enquanto na obra wildiana se observa as personagens lidarem com a culpa por suas repressões e transgressões da sociedade, no romance *O Imoralista*, de Gide, constata-se o adoecimento físico e mental da personagem, que, com a morte do pai, tem sua liberdade e espírito presos ao pacto social de costumes e moralidades adultas, principalmente a sua apatia à figura feminina. O gradual aumento das moralidades reflete diretamente em sua saúde física e estima pela vida, que só são revertidas com a imoralização da personagem e o despreendimento das regras de conduta sociais da época pertencente. Esse romance é, por excelência, uma demonstração da teoria freudiana, uma odisséia pela neurose, suas causas, consequências e cura, sendo a satisfação pessoal a solução para os problemas internos e questões da personagem, que encontra novamente sentido à existência monótona e enfadonha de uma sociedade que insiste em padrões ineficientes, consoante a naturalidade dessas relações, como Gide aponta em *Córidon* (Gide, 1985).

Em *O Imoralista*, o narcisismo freudiano é percebido na relação, identificação e predileção da personagem principal em permanecer junto aos rapazes, principalmente aos jovens introduzidos na obra durante seu adoecimento. A afeição nutrida para com sua esposa não desperta nele a consciência e o desejo à vida que os meninos são capazes de incumbi-lo, renascendo e ressignificando o novo homem, agora imoral em atos, pensamentos e aparência - pois a imoralidade emana de seu interior a cada vez que se redescobre.

Essa redescoberta e reencontro ao íntimo, antes “repouso”, transforma e ressurgiu em um homem que sempre existiu, mas estava reprimido e suprimido, como verificado no trecho a seguir:

[...] Depois que a asa da morte o roçou, o que parecia importante já não o é mais; outras coisas passam a ter importância. O acervo espiritual dos conhecimentos adquiridos se desmorona como um fardo, e deixa ver a nu a própria carne, o ser autêntico que se escondia. Foi *êste*, desde logo, que eu pretendi descobrir: ‘o ser autêntico, o velho homem’, aquele que o Evangelho já não queria mais; aquele que tudo, em torno a mim, os livros, os mestres, os meus pais e eu mesmo tínhamos tentado suprimir. [...] Era preciso apagar êsses elementos superpostos. (Gide, 1966, p. 101).

A constatação e os questionamentos acerca de quem ele realmente é levam a entender a existência de uma infinidade interna e inerente a si próprio, natural - assim como assegurado em *Córidon* - e reprimida socialmente, moralizando-o.

A angústia, que permeia ambas as obras, decorre da ideia de “aproveitamento do tempo” que ambos os protagonistas enfrentam ao longo de seus respectivos romances. Michel, em *O Imoralista*, possui “tempo de menos” para aproveitar sua vida, uma vez que, ao recuperar-se da doença - acontecimento esse que o acomete após diversas repressões, entra em um estado de frenesi ao buscar incessantemente por uma mudança de vida. Contudo, tudo que representava seu “antigo eu” parece tornar-se um estorvo, pois não consegue enxergar o mesmo prazer em sua erudição, além de perceber seus passatempos esvaindo-se por entre seus dedos.

A aflição por viver uma vida regrada pelas morais hipócritas da sociedade francesa é quase um motivo de horror para Michel, sendo em Túnis que o protagonista parece reencontrar um motivo para viver antes que o sufocamento pelas normas o atinja e ele sinta como se fosse, ainda mais, jogado à margem da sociedade. Baseado em Freud, sua relação com o corpo também é algo que se altera de acordo com a sua pulsão de vida. No ápice da enfermidade, Michel percebe o quanto sua reclusão constante - pulsão de morte, por conta de passar muito tempo em meio a livros e estudos, enfraqueceu seu corpo ao ponto de não conseguir suportar a doença - o que o leva a, após o período de recuperação, a dar mais atenção aos cuidados com o próprio corpo a fim de aproveitar o que lhe restava (em sua crença) de vida de maneira mais saudável.

No êxtase de sua busca por um entendimento próprio, começa a espelhar em si o que via nos rapazes de Túnis, faces mais delicadas e joviais, força e vigor da juventude. Com isso, acaba muitas vezes recusando coisas que normalmente se associariam à masculinidade

normativa, como o uso da barba que sustentou por um grande período. Em *O Imoralista*, Gide reflete sobre os padrões impostos:

Ah! se todos os que nos cercam pudessem convencer-se disso. Mas quase todos eles pensam que só obterão de si mesmos algo de bom pelo refreamento; só se sentem contentes nesse estado. É a si mesmos que menos procuram parecer-se. Cada um dêles toma para si um padrão, depois o imita; não chega mesmo a escolher o padrão que imita; aceita um padrão já escolhido. (Gide, 1966, p. 143).

A partir disso, constata-se a relação conflituosa entre padronização – moralidade e autenticidade. Porém, ao final, as consequências dessa procura trazem à tona conflitos entre os seus desejos, resultando em questionamentos e, com o adoecimento e a morte de Marceline, Michel nutre em si os efeitos da pulsão de morte e é tomado, em determinados pontos, pelo sentimento de angústia e de culpa.

Em *O Retrato de Dorian Gray*, a angústia - pulsão de morte - de Dorian se inicia ao tomar verdadeiro conhecimento do Belo que o habita e como a passagem do tempo o tomaria a juventude, em vista da relação entre juventude e bondade, verdade, velhice e mal -, e a deturpação dos valores platônicos no romance, superando a moralidade. O conhecimento leva ao pacto e a influência de lorde Henry o leva a busca dos ideais hedônicos, procurando sempre utilizar de sua beleza para alcançar seus desejos e curiosidades internas - pulsão de vida, sendo essas morais ou não. No entanto, sua busca incessante, curiosidade ímpar, predileção pelos pecados imorais e os constantes corrompimentos à sua alma desgarrada, o retrato, o levam a uma constante paranoia acerca de seu segredo e de suas consequências, reflexões essas que o levam, novamente, ao estado de pulsão de morte.

A moralidade social - mascarando o que há por trás dos valores e costumes normativos, nos romances *O Imoralista* e *O Retrato de Dorian Gray*, é associada à repressão, culpa, angústia e pecado, levando ambos os protagonistas e, em diversos casos, os personagens ao redor à pulsão de morte. Já suas pulsões naturais, inerentes às suas existências, ligadas a homoafetividade e seus diversos graus de feminilidade, representa o renascimento psicológico e físico de ambos os protagonistas, nas mais diferentes esferas de suas vidas, ressignificando seu arcabouço cultural construído até então. A busca pelos prazeres da alma e por vivências sensíveis retrata a nudez interior e seus reais estímulos. Logo, a vida dupla das personagens é amplamente levada à discussão, no qual o “eu” interno se dissimula entre o que é irreal pintado e moralizado - ligado à pulsão de morte - e o real, sensível, hedônico, porém tido como corrompido - ligado à pulsão de vida.

Portanto, a análise sincrônica desses textos, com base em seu pano de fundo diacrônico - presente de cultura e de criação, respectivamente - é capaz de elucidar o sensível abordado nos escritos e a importância de manter discussões de cunho social em pauta, pois, apesar de quase um século de diferença entre a publicação dos romances discutidos, a temática LGBTQIA+ ainda é considerado um tabu social, gerando as mais diversas reações, a exemplo do pânico moral ao abordar, mesmo que superficialmente, os ideais a ela cabíveis.

Conclusão

A leitura síncrona de obras literárias de cunho LGBTQIA+ permitem o reconhecimento de preconceitos ainda enraizados na estrutura social, incorporando-se ao sensível da obra e trazendo novas perspectivas de estudo e análises. Wilde e Gide trazem, cada um a seu modo e época, questões de importante discussão, movimentando a sociedade em que estavam inseridos. Apesar do longo caminho percorrido até então, nota-se a persistência do estigma social referente a esse grupo marginalizado, mesmo com as tentativas de representatividade nas grandes mídias. Por isso a importância de pesquisas e trabalhos neste campo, que vão de encontro a pânicos morais estabelecidos de acordo com as normas vigentes de uma sociedade que não abrange todas as classes e indivíduos.

Portanto, é preciso dar continuidade à leitura sincrônica e diacrônica de obras que abordem a temática estudada, de modo a ressignificar sua importância no arcabouço histórico de narrativas que transgrediram a heteronormatividade.

A manutenção da censura, da crítica subjetiva e do pânico moral causado por obras de teor homoafetivo mostra-se atual, tendo em vista que na Bienal do Livro do Rio de Janeiro, que ocorreu no Riocentro, entre 30 de agosto a 08 de setembro de 2019, ficou marcada pela tentativa do prefeito da cidade do Rio de Janeiro, na época Marcelo Crivella, de censurar obras de cunho LGBTQIA+, após a visita ao evento, de acordo com o jornal *El País* (Juca, 2019). Crivella estaria, então, escandalizado com o romance gráfico da Marvel “Vingadores, A Cruzada das Crianças”, determinando que a obra, tida como imprópria, fosse retirada de circulação. Marcelo tentou utilizar o artigo 78 do Estatuto da Criança e do Adolescente para justificar a tentativa de fiscalização e recolhimento de obras LGBTQIA+ do evento, ameaçando, inclusive, cassar o alvará do evento. O Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro discordou e derrubou as medidas de Crivella, manifestando-se, junto a diversas editoras, contra a censura e a favor da liberdade inegociável a todo indivíduo, como mostrado pela reportagem.

Por isso, a importância ao abordar a visão social acerca da comunidade LGBTQIA+, visão esta intrínseca antes mesmo da publicação das obras abordadas. Portanto, é indispensável dizer qual a importância em desenvolver pesquisas sobre o assunto, visto que, a leitura e o conhecimento possuem um papel considerável no combate ao preconceito e a LGBTfobia. Sendo assim, nota-se a influência do leitor para o desenvolvimento deste estudo.

Referências

CAMPOS, H. de. *A Arte no Horizonte do Provável e outros ensaios*. 4ª ed.. São Paulo: Perspectiva, 1977.

Centre d'études gidiennes. Universidade de Lorraine, 2022. *Centro de Estudos Gidianos*. Disponível em: <<https://www.andre-gide.fr/index.php>>. Acesso em: 14 de mai. 2022.

ELLMANN, R. *Oscar Wilde*. 1ª ed.. São Paulo: Schwarcz Ltda., 1988.

FREUD, S. *Neurose, Psicose e Perversão*. 5ª ed.. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FREUD, S. *Obras Completas (vol, 6): Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade, Análise Fragmentária de uma Histeria ("O Caso Dora") e outros textos*. 1ª ed.. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GIDE, A. *Córidon*. Trad. Hamílcar de Garcia. 2ª ed.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GIDE, A. *O Imoralista*. Trad. Theodomiro Tostes. Rio de Janeiro: Delta, 1966.

JUCA, Beatriz. Justiça veta censura homofóbica de Crivella na Bienal do Livro do Rio. *El País*, 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/06/politica/1567794692_253126.html>. Acesso em: 05 mai. 2022.

La Fondation Catherine Gide. Fundação Catherine Gide, 2022. Disponível em: <<https://www.fondation-catherine-gide.org/>> Acesso em: 14 mai. 2022.

MACHADO, C. Pânico Moral: Para uma Revisão do Conceito. *Interações*, Coimbra. n.7, p. 60-80, outubro/2004. Disponível em: <<https://www.interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/view/125>>. Acesso em: 14 mai. 2022.

MISKOLCI, R. Pânicos Morais e Controle Social: reflexões sobre o casamento gay. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, p. 101-128, janeiro-junho/2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cpa/a/tWFyRWkCdWv4Tgs8Q6hps5r/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 05 mai. 2022.

PERRONE-MOISÉS, L. *Altas Literaturas*. 2ª ed.. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PERRONE-MOISÉS, L. *Falência da Crítica*. 1ª ed.. São Paulo: Perspectiva, 1973.

POMBO, M. F. Desconstruindo e Subvertendo o Binarismo Sexual e de Gênero: Apostas feministas e queer. *Periódicus* – Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades, Salvador, n. 7, v. 1, p. 58-75, maio-out/2017. Disponível em:

<<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/21786>>. Acesso em: 20 mai. 2022.

PRECIADO, P. B. *Manifesto Contrasexual — práticas subversivas de identidade sexual*. 1ª ed.. Rio de Janeiro: N. 1 edições, 2015.

VIEIRA, L. L. F. As Múltiplas Faces da Homossexualidade na obra Freudiana. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, Fortaleza, Vol. IX, n. 2, p. 487-525 – jun/2009. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000200006>. Acesso em: 25 mai. 2022.

WESTPHAL, C. Die conträre sexuellempfindung, symptom eines neuropathischen (psychopathischen) zustandes. *Archiv für Psychiatrie und Nervenkrankheiten*, 1869-1870.

WILDE, O. *O Retrato de Dorian Gray*. Trad. Paulo Cecconi. 1ª ed.. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2021.